

# Do anonimato ao topo

FLAVIO LENZ

A eleição de Ramez Tebet para a presidência do Senado arremata dois anos de grande movimentação política na vida do peemedebista de Mato Grosso do Sul. De abril de 1999 ao dia de ontem, Tebet foi presidente da CPI do Judiciário — aquela que desvendou a obra superfaturada do Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo (TRT-SP); do Conselho de Ética do Senado, durante os processos que levaram tanto à cassação de Luiz Estevão, também relacionada ao TRT-SP, quanto às renúncias de José Roberto Arruda e Antonio Carlos Magalhães, no caso da violação do painel eletrônico do Senado; e ministro da Integração Nacional, cargo que assumiu em junho deste ano.

Já era consenso no Senado que Tebet, até presidir a CPI, era um parlamentar apagado. Peemedebista como seu antecessor na presidência da Casa, Jader Barbalho (PA), Tebet sempre seguiu as orientações partidárias, o que contribuía para a pequena visibilidade e polêmica em torno de seu nome. Até que veio a CPI proposta pelo futuro inimigo ACM, que o acusaria de “faccioso” e “partidário” no processo que levou à sua renúncia, e o apelidaria de “rábula do Pantanal”.

**Mascate** — Rábula por Tebet ser advogado — e, claro, pelo ódio de ACM; do Pantanal, devido à origem do senador. Filho do mascate libanês Tauffic Tebet, que chegou ao Brasil na década de 30 sonhando com o progresso no Centro-Oeste, Ramez Tebet nasceu em 1936 na cidade em que o pai se instalou, Três Lagoas. Formado em direito no Rio, voltou ao então Mato Grosso para tornar-se promotor de justiça, de 1961 a 1964, ano do golpe militar.

Dez anos depois, elegeu-se prefeito de sua cidade natal pelo

oposicionista MDB. Com a divisão de Mato Grosso, em 1977, Tebet conquistou em 1978 uma cadeira na Assembléia Legislativa do Mato Grosso do Sul, tornando-se relator da primeira Constituição do estado. No ano seguinte, terminado o bipartidarismo, trocou o MDB pelo PMDB, para se eleger em 1982 vice-governador de Mato Grosso do Sul.

Wilson Martins deixou o governo em 1986 para disputar uma vaga no Senado e Tebet assumiu a governadoria. Seu próximo passo, em 1987, foi a direção da extinta Superintendência do Desenvolvimento da Região Centro-Oeste, até 1990.

**Fidelidade** — Em 1994, Tebet foi eleito senador para o pe-

ríodo 1995-2003. Desde então, vota fielmente com o PMDB governista. Em 1999 veio a CPI do Judiciário, que o catapultou para a presidência do Conselho de Ética. Em junho deste ano, ganhou a Integração Nacional, pasta da cota do PMDB esvaziada com a extinção das superintendências regionais. Agora, chega à presidência do Senado.

Ex-professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Tebet herdou, do pai mascate, o gosto pelos tecidos e pela comida árabe. Também é admirador de Luiz Gonzaga, de quem gosta de assoviar o *Assum preto*. Vaidoso, fez implante de cabelo e tem na natação o exercício preferido.

